

## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> — Nei Lopes .....	9
<i>Introdução</i> .....	13
1. Lembranças, relembrações, revivências.....	17
2. Pró, contra ou... muito pelo contrário? .....	25
3. Família, célula <i>mater</i> da sociedade .....	31
4. O que separa vale mais do que o que une?.....	41
5. Preto, baiano, pobre, mãe louca... ..	47
6. Como se clareia a noite da pele humana? .....	53
7. Quanto vale um bom sobrenome? .....	59
8. Roda gira, gira roda... Vida vira, virou! .....	67
9. Ser alguém ou ninguém?.....	73
10. Em terra de cego... ..	81
11. O que é do homem o bicho não come.....	87
12. Simplesmente Maria e seu rádio .....	95
13. Respeitar e honrar.. Mas amar também? .....	101
14. Tempo de tensão: copo cheio, vida vazia .....	109
15. “Quem passou pela vida em branca...”.....	115
16. “Às armas, cidadãos paulistas!” .....	121
17. “Não há mal que sempre dure, nem...”.....	125

18. Heroísmo: epidemia que contagia . . . . .	131
19. À beira-mar, o começo do recomeço. . . . .	135
20. São Paulo chamou? Eu vou! . . . . .	139
21. Naquele canto, um aroma, um encanto . . . . .	145
22. Tiros, heroísmo e muitos boatos. . . . .	155
23. Um encontro com sabor de desencontro . . . . .	161
24. Em tempo de dizer sim, como negar? . . . . .	165
25. Tantas perdas! Quem ganha? . . . . .	171
26. Em nome do pai, do filho... . . . .	177
27. Um país se faz com homens e jornais. . . . .	181
28. Soldado, cabo, sargento . . . . .	185
29. Em guerra, não se mata pessoa... . . . .	191
30. Quem promete tem de cumprir . . . . .	197
31. Cobrir, descobrir, redescobrir. . . . .	203
32. Covardes ou heróis, todos mortais. . . . .	207
33. Derrota? Vitória? De quem? . . . . .	213
<i>Epílogo</i> . . . . .	219

## PREFÁCIO

Na literatura brasileira, contam-se nos dedos os romancistas pretos e pardos que se assumiram ou assumem como negros. Da mesma forma, na História do Brasil moderno, são raros os episódios em que se celebra o protagonismo negro. Daí a importância deste *A Legião Negra*, pelas razões que passamos a expor.

Após a Abolição da escravatura, a cidade de São Paulo atraiu grandes contingentes de população negra, vindos do interior da província. Proclamada a República, as oportunidades de trabalho continuaram seduzindo negros não só do próprio estado como de regiões vizinhas, em ondas migratórias contínuas. Por conta disso, em 2000, o censo do IBGE informava, surpreendentemente, a cidade de São Paulo como a concentradora da maior população negra, entre todas as cidades do país, circunstância ressaltada no importante livro *Bexiga, um bairro afro-italiano*, de Márcio Sampaio de Castro, publicado em 2008.

Nesse quadro, os três maiores redutos negros na cidade de São Paulo, desde o nascimento da República, foram os bairros da Barra Funda e do Bexiga, e a localidade conhecida como Baixada do Glicério. Por constituir uma espécie de entroncamento entre as linhas das estradas de ferro Sorocabana e Paulista, no início do

século XX a Barra Funda concentrava importante parcela da população negra, em sua maioria deslocada das cidades do interior, em busca de melhores condições de trabalho.

Já o Bexiga, mais tarde destacado como núcleo preferencial dos imigrantes italianos e oficialmente denominado Bela Vista, desde o século XVIII já abrigava redutos de população afrodescendente. E após a Abolição, tendo como principal fator de aglutinação a proximidade das ricas mansões da Avenida Paulista, onde a mão de obra subalterna era indispensável, tornou-se também um dos territórios negros da capital paulista.

Como esses locais, diante da presença de encostas muito escarpadas e de problemas ocasionados por enchentes frequentes, eram de difícil ocupação urbana, a população mais pobre, principalmente no Bexiga, foi-se alojando nos cortiços em que se transformaram as antigas mansões senhoriais.

Lembremos agora que na década de 1920 o escritor Alcântara Machado publicava as coletâneas de contos *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*, lançadas respectivamente em 1927 e 1928. Obras altamente representativas do Modernismo de 1922, elas fornecem importante registro histórico da cidade na segunda década daquele século. Esse registro, além de refletir a integração do imigrante italiano na Pauliceia, principalmente na primeira das obras mencionadas, fornece, por outro lado, um fiel retrato da visão estereotipada e quase sempre negativa que se tinha dos afro-brasileiros naquele contexto.

Isto pode ser constatado nos exemplos seguintes, pinçados entre muitos outros da edição conjunta das duas obras. Vejamos:

Dá aí duzentão de cachaça! O negro fedido bebeu de um gole só. Começou a cuspir. (Alcântara Machado, 2001, p. 66);

Rua do Ipiranga. Êta zona perigosa. Platão não tirava os olhos das venezianas. Só mulatas. Êta zona estragada. — Entra, cheiroso! — Sai, fedida! (*ibidem*, p. 95);

Mas o melhor ainda não tinha sido contado: a negra perdeu a paciência e meteu a mão na cara do gerente. A rapaziada por

pândega fez uma subscrição e deu uns dois mil e tanto para a negra. E a polícia? Que polícia? Negra decidida está ali. (*Ibidem*, p. 97);

Voltou para a cozinha. — Aurora! Ó Aurora! Pensou: Essa pre-tinha me deixa louca. — Onde é que você se meteu, Aurora? (*Ibidem*, p. 107).

Mas a negritude da Pauliceia modernista não foi só essa, assim vista por Alcântara Machado e seus pares.

Na capital do importante estado, a dureza da discriminação fez que os afrodescendentes procurassem a afirmação de sua identidade étnica mais por meio da participação política do que por meio de expressões culturais, como no Rio de Janeiro e na Bahia. Cidade onde o racismo antinegro revestiu, até nos primeiros anos da República, o caráter de um verdadeiro *apartheid*, da capital paulista foi que o movimento pela igualdade de direitos expandiu-se para todo o Brasil, principalmente por meio de uma persistente imprensa negra e da Frente Negra Brasileira (FNB).

Criada por dissidentes da FNB, a Legião Negra do Brasil engajou-se na chamada Revolução de 1932 com um corpo misto de voluntários denominado “Batalhão Henrique Dias”. Sediada numa chácara na Barra Funda, a Legião foi, assim como inúmeros outros corpos militares de negros existentes no Brasil e nas Américas desde os tempos coloniais, subordinada ao poder de um comandante branco.

Interessante notar que, pelo menos no alentado livro *A revolução de 32*, de Hernâni Donato, publicado em 1982, numa edição copiosamente documentada e ilustrada, não há, salvo engano, nenhum registro dessa participação. Isso, embora haja, na publicação, foto de um grupamento de índios guaranis (p. 123), bem como três seções dedicadas à participação feminina (p. 194-5), nas quais reluzem conhecidos sobrenomes “quatrocentões”.

Pois a presente obra — muito provavelmente o primeiro romance de escritor autorreferido como afrodescendente e tematizando episódio histórico ocorrido no século XX, no ambiente do povo negro — vem para desvendar um pedaço dessa odisséia. De

modo ficcional, Faustino resgata das brumas do descaso e do esquecimento um episódio exemplar da história do negro em São Paulo e no Brasil.

Saiba-se, finalmente, que, para nós, uma das principais tarefas dos escritores afro-brasileiros comprometidos com suas origens étnicas é, além de fazer boa literatura, tirar da invisibilidade o protagonismo negro na história e na cultura do país. Assim foi que se elevou Zumbi ao panteão dos heróis da pátria; que João Cândido foi desestigmatizado; que mártires do Araguaia, como Osvaldão e Helenira Rezende, começam a ter sua verdadeira face revelada. Para conforto da autoestima de nossa juventude.

É assim, também, que, pela pena delicada mas firme do romancista Oswaldo Faustino (nascido 20 anos depois da Legião, mas crescido sob o impacto dessa fabulosa saga), o “negro fedido”, o “mulato sem-vergonha”, as “negras de confete na carapinha” da ficção modernista, todos vão se reconstruindo em sua real dimensão humana, com estatura e dignidade.

Com este *A Legião Negra*, a já alentada obra de Faustino, escritor, jornalista, autor de livros infantis e ator, ganha também nova dimensão. A mesma de Carolina, Conceição Evaristo, Dalcydio Jurandir, Cuti, Joel Rufino, Julio Romão, Muniz Sodré, Oswaldo de Camargo, Raymundo Souza Dantas... E de toda uma legião de grandes escritores e escritoras menosprezados, silenciados ou tornados invisíveis.

*Nei Lopes*

## INTRODUÇÃO

### A história por trás da história

“Alô, Erê, é Milton!...”. Nem precisava se identificar. Com aquela voz grave de barítono e o eterno bom-humor, mesmo quando me liga para protestar contra algum desmando político ou da mídia, só podia ser meu amigo, o ator Milton Gonçalves.

Ele sempre faz questão de me chamar de “erê”, assim, enfatiza o que ele chama de meu “jeito moleque”, diante da minha imagem de “senhor idoso”. Tive a felicidade de receber muitos telefonemas que começaram com esta saudação. Mas houve um muito especial, sem o qual não existiria este livro:

— Preciso de um favor seu. Estou com uma ideia para um filme, que quero dirigir, e preciso que você realize uma pesquisa, aí em São Paulo. É sobre a Legião Negra. Vai ser um filme, ao estilo de *Glory*, sabe? Até hoje, o Brasil nunca teve um filme que falasse sobre a importante participação do negro na Revolução de 32.

Ligo para meu amigo, o jornalista Flávio Carrança, que tem muito material sobre a revolução paulista, e ele diz que leu alguma coisa em *Marco zero*, de Oswald de Andrade. Ele também se lembra de uma referência a ela num conto publicado no livro *Tudo por São Paulo*, de Horácio de Andrade. Saímos para pesquisar juntos.

Falamos com filhos e sobrinhos de alguns combatentes. Lembramos, então, do jornalista e historiador Noedi Monteiro,

de Piracicaba, que estava escrevendo um livro sobre o negro nas Forças Armadas e poderia saber algo a respeito. Entro em contato com ele, que, graças a Deus, apresenta-me um personagem emblemático dessa revolução: a Maria Soldado.

Posteriormente, Flávio e eu descobrimos que havia um espaço dedicado a ela, no Museu do Soldado Constitucionalista, sob o Obelisco, no Parque do Ibirapuera. Lá, porém, nos informaram que os objetos, que estavam nesse espaço, foram transferidos para um colégio da Zona Oeste da capital.

Na biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), e no Centro Cultural São Paulo, encontramos dois trabalhos publicados: o maior deles foi o artigo “Os Pérolas Negras: a participação do negro paulista na Revolução Constitucionalista de 1932”, do doutor Petrônio José Domingues; e um capítulo de *1932: imagens construindo a História*, do pesquisador e fotógrafo Jeziel de Paula.

No Museu Afro-Brasil, muito depois dessa pesquisa, encontramos fotos e algum material a respeito. Anos após, saiu uma publicação em quadrinhos, do cartunista Maurício Pestana, sobre a história da Legião Negra, cuja reprodução passou a adornar as paredes daquele museu.

Dados coletados, consultas realizadas, veio a parte mais dramática: Milton queria produzir uma obra de ficção inspirada na Revolução Constitucionalista, com destaque para a Legião Negra. Por isso, não bastava a pesquisa, ele queria um argumento para seu filme.

Flávio Carranço foi fundamental na pesquisa. Mas ficção não é seu forte, e ele não quis arriscar-se na tentativa de produzir o argumento. Por isso, prossegui sozinho rumo à proposta de Milton.

O argumento cresceu, cresceu e virou um romance. Como jornalista, decidi usar o rádio — principal veículo de comunicação do início do século XX — e referências a jornais da época para contextualizar o momento político, em que a história se desenrola. Assim, mostraria como a mídia veiculou notícias sobre os batalhões revolucionários negros paulistas de 1932 e influenciou sua formação, elevando os ânimos da “sociedade bandeirante”,



questionada pelo doutor Petrônio Domingues. Muitos dos textos jornalísticos que aqui se encontram são transcrições *ipsis litteris* das que foram incluídas no artigo desse fundamental historiador pernambucano.

Mas é importante lembrar que esta é uma obra de ficção. Tião, Miro, Bento, Luvercy, Orlando, Madalena, Dona Berenice, Neo e seu pai general, John e muitos outros são personagens gestados pela minha imaginação. Alguns deles foram inspirados em personagens reais ou criados a partir da necessidade de contar um fato ou descrever uma situação ou alguma circunstância. Outros, ainda, surgiram de uma “releitura” de personagens não reais mencionados pelos autores lidos. Dessa forma eles ganham nova vida, uma nova identidade.

Estes, porém, interagem com o doutor Joaquim Guaraná Santana, com o professor Vicente Ferreira, com o tenente Raul Joviano do Amaral e com a própria Maria Soldado, personagens reais, em situações imaginárias, algumas vezes, até alicerçadas em fatos realmente ocorridos. Outras, não. Por exemplo, Maria Soldado teria trabalhado para os Mendonça Penteado, segundo depoimento de um membro dessa família. Apesar de ambas serem reais, a “minha Maria” e sua patroa são descritas de maneira fantasiosa, apenas, visando uma reflexão comportamental.

Trata-se de uma obra escrita pensando, em especial, na juventude. Pode ser muita pretensão, mas desejo que os jovens a saboreiem, como algo que tem que ver profundamente com suas próprias vidas. Que se imaginem crianças, sentadas em roda junto ao avô, num fim de tarde, ouvindo, com prazer e muita fantasia, “causos” sobre um dos maiores conflitos armados já ocorridos em solo brasileiro. E, fascinados com tudo isso, indaguem de olhos arregalados e com os corações e mentes abertos: “E aí, vovô? O que aconteceu? Conta mais!”

Assim, quando seus antepassados já não puderem contar essas histórias, que eles tomem para si a missão de ir em busca de mais informações. Reconstruam fatos e os contem para outros, que repassarão para outros, não deixando jamais morrer a história do nosso povo, mesmo acrescentando um ponto a cada vez que contem esse conto.

Desejo que este livro seja considerado uma simples homenagem aos nossos valorosos combatentes da Legião Negra, nossas “Pérolas Negras”. A Legião foi criada para integrar o Exército Constitucionalista por dissidentes da Frente Negra Brasileira. Por isso, conto também um pouco da história dessa que foi uma das mais importantes entidades do movimento negro brasileiro, até meados do século XX.

Para tanto, entre as obras pesquisadas estão: *...E disse o velho militante José Correia Leite*, do escritor e poeta Cuti (Luiz Silva); *Frente Negra Brasileira — Depoimentos*, de Márcio Barbosa; e também o artigo “O ‘messias’ negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902–1978): ‘Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!’”, do doutor Petrônio Domingues.

Enfim, eis esta pequena obra, juntando letrinhas, sinais gráficos e algumas ideias, para ajudar a sua imaginação a voar no tempo e no espaço.

*Oswaldo Faustino*

## Lembranças, relembrações, revivências

A tirada pela mão da babá, a bola rola sem muita força. O garotinho, porém, tão alegre e agitado, naquela manhã ensolarada, brincando na praça, não consegue apanhá-la. A bola colorida passa quicando, raspa suas mãozinhas inseguras e segue o caminho calçado de pedregulhos entre os canteiros floridos.

O leve tranco na bengala é o suficiente para despertar o velho Tião, que ressona, como toda manhã, sentado ali naquele mesmo banco.

Ao olhar arregalado de um homem arrancado, repentinamente, do mundo dos sonhos, somam-se o eterno palito de fósforo no canto da boca torcida e o fio de baba preso a sua rala e branca barba, repleta de falhas. Um conjunto de detalhes que, para o menininho que veio correndo atrás do brinquedo, se faz apavorante.

Cara de choro de criança, constrangimento de velho. Poucos segundos, que tornam aquele momento uma infundável cena de horror. O esforço do ancião em abrir seu sorriso desdentado, para abrandar aquele drama, serve, apenas, para piorar a situação.

A babá corre em socorro de seu protegido e pede desculpas ao idoso pela bola que bateu na bengala e por tê-lo despertado

de seu cochilo. Mas Tião nem a ouve, envolvido que está no esforço para secar a baba da barba e retirar da cabeça o gasto chapéu de feltro marrom, costume antigo diante de uma dama. Uma jovem e bela dama negra, vestida de uniforme branco, que sorri, pega o pupilo pela mão, apanha o brinquedo e se afasta.

Ele olha admirado para aquela moça magra, com um par de tranças longas e traços delicados, cujo olhar preocupado lhe trouxe de volta lembranças distantes, muito distantes.

Sua mente viaja ao passado e a mão direita toca o jornal, que repousa no banco a seu lado. Os dedos trêmulos de um homem que já completou 100 anos passeiam sobre a data, no cabeçalho: 20 de julho de 2012.

O pensamento de Tião já não está mais ali. Encontra-se diante de outra página de jornal, 80 anos antes, em 20 de julho de 1932. O local é o mesmo, ou próximo dali, entre a Barra Funda e os Campos Elíseos, região central de uma cidade de São Paulo muito longe do gigantismo dos dias atuais.

Na primeira página da *Folha da Noite*, afixada na lateral de uma banca de jornal, há a foto de um homem proclamando: “São Paulo de Borba Gato, São Paulo de Anhangüera... raça bandeirante... essa é a hora de engrossarmos os batalhões revolucionários voluntários”. O orador enfatiza que a revolução paulista “vai derrubar, arrasar, o ditador Getúlio Vargas e recuperar nossa honra, nossa grandeza e nossa liberdade”.

Numa coluna, no canto esquerdo da página, outro artigo chama a atenção do jovem Tião: “A Legião Negra está dando um exemplo comovente ao Estado de São Paulo. Ao primeiro apelo dos seus dirigentes, todos correram para defender a terra bem amada, a terra do trabalho, a terra que não para de abrir os seus braços de concórdia brasileira e universal. A sociedade bandeirante deve guardar eternamente no coração a lembrança da raça negra...”

Com seus quase 20 anos, o jovem Tião interrompe a leitura, atraído pela imagem de uma bonita babá tão negra quanto o par de tranças que lhe adornam a cabeça e terminam num belo laço de fita branca, unindo as pontas. Ela passa célere, tentando acompanhar a correria de três criancinhas loiras bastante agitadas. Num gesto rápido, ele retira da cabeça o chapéu de feltro marrom, recém-comprado.